



**IX Congresso
da APLF 2014**
24 E 25 DE OUTUBRO 2014

IX Congresso da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia

XXVII Encontro Nacional de Técnicos de Farmácia

IV Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia

LIVRO DE RESUMOS

COORDENADORES:

Luís Miguel Fernandes do Nascimento

Isabel Cristina Jornal Freire Pinto

Olívia Rodrigues Pereira

FICHA TÉCNICA

Título

IX Congresso da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia, XXVII Encontro Nacional de Técnicos de Farmácia, IV Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia

Autores/Editores

Luís Miguel Fernandes do Nascimento; Isabel Cristina Jornalo Freire Pinto; Olívia Rodrigues Pereira

Editora

Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Data

24 e 25 de outubro de 2014

ISBN

978-972-745-177-7

Esta edição é publicada pela Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Agência Nacional ISBN

IX Congresso da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia, XXVII Encontro Nacional de Técnicos de Farmácia, IV Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia

ISBN 978-972-745-177-7

Editora: Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Livro em 1 volume, 49 páginas

Este livro contém informações obtidas de fontes autênticas. A responsabilidade pelo conteúdo dos resumos é única e exclusivamente dos autores.

Os resumos publicados neste livro são propriedade da ESSa- IPB. Este livro ou qualquer parte do mesmo, não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio, electrónico ou físico ou por qualquer sistema de armazenamento de informação ou de recuperação, sem autorização prévia da ESSa-IPB.

Todos os direitos reservados.

Escola Superior de Saúde | Instituto Politécnico de Bragança

Avenida D. Afonso V - 5300-121, Bragança, Portugal

Tel: (+351) 273 303 200 / (+351) 273 331 570

Fax: (+351) 273 325 405

© 2014 by ESSa-IPB

ISBN 978-972-745-177-7

NOTA INTRODUTÓRIA

O tema que vos apresentamos não podia ser mais oportuno: é hoje universalmente reconhecida a importância da inovação e da investigação científica nos seus diversos domínios.

Moldar a plasticina mental e sensitiva do ser humano a caminho do que é verdadeiramente fundamental evolutivo, não é tarefa fácil.

Já no séc. V a.C., de uma situação variável e aparente como é o conhecimento sensorial, o método socrático tinha por fim o surgimento de ideias novas para a descoberta da verdade. Apontava para o essencial e permanente, base do conhecimento racional, fundamento da ciência. A expressão “Conhece-te a ti mesmo” desloca, então, o centro de gravidade da pura especulação sobre a natureza do mundo para a reflexão sobre o próprio homem e a sua importância no devir da ciência.

E refletir, pensar, inovar e investigar, é, com efeito, tomar consciência de um problema, considerá-lo em todas as suas faces e interrogar-se sobre as soluções possíveis.

Qualquer sector do saber deve, por isso, renunciar à condição de forma autónoma do conhecimento e aceitar a ciência como tipo de conhecimento superior e fundamental.

Por um lado, sabemos que o conhecimento científico visa uma intenção essencialmente teórica: a compreensão dos fenómenos. Ora, porque a exigência da compreensão cresce com a própria compreensão, o conhecimento científico é necessariamente progressivo e sujeito a renovação e inovação incessantes.

Aqui está um ponto, pleno de oportunidade, para tentar compreender nestes dois dias.

Por outro, o conhecimento científico utiliza essencialmente, instrumentos com que amplia, em magnas proporções, a capacidade de apreensão sensorial. Ora, com o fim de interpretar os dados fornecidos pelos instrumentos, o investigador, o cientista, formula hipóteses (sobre as possíveis causas dos fenómenos), imagina teorias (sobre a estrutura da realidade) e sobrepõem à perceção sensorial a interpretação racional.

Situamo-nos, assim, perante outro ponto deste nosso encontro: **É FUNDAMENTAL INVESTIR NO CONHECIMENTO!**

Se o conhecimento é uma função universal, inerente à atividade de qualquer sujeito, outro sim é verdade que, para além desse aspeto geral e comum cada ciência suscita problemas de conhecimento específico: uns, relativos ao assunto (objeto) que se trata; outros, ao método que emprega e à ferramenta (noções, princípios, etc) que utiliza.

Existe, assim, uma “filosofia da ciência”, ou antes, uma filosofia de cada ciência, seja a “filosofia da matemática”, e da “história” ou da “farmácia”, destinada a refletir sobre os problemas que cada ciência suscita.

Após as grandes descobertas da ciência no século passado e dos quais usufruímos hoje, a ciência continua, de avanço em avanço, a conseguir resultados extraordinários.

Permitam-me afirmar que somos usufrutuários da lógica do evangelho que servimos. Pois bem, o que fazemos ou pensamos realizar para o avanço da ciência em que estamos envolvidos?

Não somos cientistas, mas queremos contribuir para o progresso da ciência.

Não somos investigadores, mas queremos ouvi-los.

Não somos professores, mas queremos refletir com eles.

Somos TÉCNICOS DE FARMÁCIA e, nesse âmbito, queremos conhecer o nosso papel o melhor possível, através dos conhecimentos que ides transmitir.

Daí a vossa presença, daí o vosso interesse, empenho e dedicação, daí este IX Congresso da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia.

Termino, agradecendo a todos a vossa presença e exprimindo um desejo natural:

-Que saiamos daqui mais enriquecidos e preparados para enfrentar os grandes desafios do futuro.

A Comissão Organizadora

ORGANIZAÇÃO

Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia; Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

PRESIDENTE DO CONGRESSO

Luís Miguel Fernandes do Nascimento

COMISSÃO DE HONRA:

Doutor Hernâni Dias - Câmara Municipal de Bragança

Prof. Doutor João José Joaquim - Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia

Prof. Doutor João Sobrinho Teixeira – Instituto Politécnico de Bragança

Prof. Doutora Maria Helena Pimentel - Escola Superior de Saúde de Bragança

Prof. Doutora Maria Augusta Mata - Instituto Politécnico de Bragança

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Presidente: Rui Cruz – Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra

Anabela Andrade - Centro Hospitalar Tondela-Viseu

Anabela Graça - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa

Isabel Cristina Jornal Freire Pinto - Escola Superior de Saúde de Bragança

Joana Cristina Mendes Martins Coelho - Centro Hospitalar de Trás os Montes e Alto Douro

Olívia Rodrigues Pereira - Escola Superior de Saúde de Bragança

Sandra Ventura - Escola Superior de Saúde da Guarda

Xavier Taboada Costa - Centro Hospitalar de Trás os Montes e Alto Douro

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Coordenador: Carlos Alberto Sousa Ferreira

Ana Carolina Coelho Cardoso

Duarte Nuno Sampaio Loio

Eva Figueiredo Fernandes Festa

Leandra Fernandes

Luís Carlos Torres Salsas

Timóteo Pires

PROGRAMA

Dia 24 de Outubro

8:30h – Abertura do secretariado e entrega de documentos

9:30– Sessão de abertura

10:00h- Mesa I

Automatização em Farmácia: Riscos e Benefícios. (Moderador: Anabela Andrade)

Paulo Carinha (Diretor Serviços Farmacêuticos HSJ, Porto)

Cristina Neto (Diretora Serviços Farmacêuticos da ULSNE)

11:00h – Coffee-Break

11:20h – Mesa II

Medicamentos Biológicos (Moderadora Anabela Graça)

Margarida Menezes (Infarmed)

12:20h – Mesa III

Intoxicações medicamentosas. (Moderador: Xavier Costa)

André Coelho (ESTeSL)

13.00h - Pausa para Almoço

14:30h – Mesa IV

Medicinas alternativas ou complementares: Fitofarmácia, Homeopatia (Moderador: Olívia Pereira)

Pedro Santos (Universidade Salamanca)

Fátima Pereira (Farmacêutica, Boiron)

15.30h – Coffee- Break

16:00h – Mesa V

Nutrição, Dietas adaptadas na infância; Nutrição clínica. (Moderador: Isabel Pinto)

Óscar Vaz (Diretor do serviço de pediatria da ULSNE)

Filipa Faria (Medicina Geral e Familiar da ULSNE)

17:00h – Comunicações livres

Visita à zona histórica de Bragança

20:30h – Jantar do Congresso

Dia 25 de outubro

10:00h- Mesa VI

Aconselhamento em farmácia; Cuidados Farmacêuticos (Moderador: Joana Coelho)

Isabel Luz (Diretora-Técnica da Farmácia Comunitária, Carrazeda de Ansiães)

Maria José Genésio (Diretora-Técnica da Farmácia Comunitária Confiança, Bragança)

11:00h – Coffee-Break

11:30h-Novas abordagens em oncologia: Radiofarmácia (Moderador: Sandra Ventura)

João Pedro Oterelo (HUC,ICNAS)

12:00h - Mesa VII

O papel do técnico de Farmácia no Contexto Nacional e Europeu na Farmácia hospitalar e comunitária (Moderador: Rui Cruz)

João José Joaquim (Presidente da APLF e da EAPT)

12:30h – Sessão de Encerramento

Real Tuna Universidade de Bragança

IV Encontro de Estudantes de Farmácia de Bragança 2014

15:00h – Receção aos estudantes no Auditório Alcínio Miguel na ESTIG

15:30h – Palestra com o tema “Saídas Profissionais”

16:30h – Rally Tascas

20:00h – Jantar Restaurante Académico

23:00h – Deslocação para os bares

02:00h – Deslocação para a discoteca

ÍNDICE

Ficha Técnica	2
Nota Introdutória	4
Organização.....	6
Programa	7
Comunicações Orais	10
O1. Transarterial Chemoembolization to the Treatment of Hepatocellular Carcinoma	11
O2. Conhecimentos e Práticas na Utilização de Antibacterianos por Estudantes da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa	13
O3. Conhecimento e Utilização da Contraceção de Emergência em Mulheres Jovens Estudantes do Ensino Superior	15
Comunicações em painel <i>Posters</i>	17
P1. Perspetiva dos Jovens Sobre o Destino a Dar aos Resíduos de Medicamentos	18
P2. Conhecimento e Consumo de Transgénicos na População de Bragança	20
P3. Riscos da Manipulação de Citotóxicos	22
P4. Automedicação	23
P5. Medicamentos Biossimilares - Revisão	25
P6. Avaliação dos Conhecimentos Relativos aos RH Pelos Profissionais de Saúde da UHB	27
P7. Tratamento Tópico da Psoríase - Revisão	29
P8. Consumo de Antigripais - Perspetiva dos Profissionais de Farmácia e dos Utentes da Cidade de Guimarães	31
P9. Tuberculose Pulmonar: Prevalência e Resistência a Tuberculostáticos	33
P10. Amanita Phalloides - Uma Revisão dos Efeitos Tóxicos à Luz do Potencial Terapêutico.....	35
P11. Riscos Associados à Preparação e Manuseamento de Citotóxicos.....	37
P12. Hemofilia A: Características da Doença e Possíveis Tratamentos Farmacológicos	39
P13. Prevalência da Automedicação na População Adulta Utentes do Centro de Saúde da Cidade de Bragança.....	41

P14. Hábitos e Comportamentos Tabágicos dos Professores do IPB	43
P15. Interações Entre Plantas e Medicamentos – Como Pesquisar?.....	45
P16. Tratamento Hormonal de Infertilidade nas Mulheres	47
Apoios.....	49

COMUNICAÇÕES

ORAIS

O1. TRANSARTERIAL CHEMOEMBOLIZATION TO THE TREATMENT OF HEPATOCELLULAR CARCINOMA

Ferreira, D*; Pires, T*; Machado, N**

* Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC - Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

** Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, EPE, Coimbra, Portugal

O fígado é um órgão vital para o nosso organismo e um problema cancerígeno neste órgão traz diversas complicações e problemas na qualidade de vida. Hoje em dia o cancro no fígado é um dos mais diagnosticados por todo o mundo e a terceira causa de morte relacionada com patologia oncológica. [1] O seu tratamento, tal como de outros cancros baseia-se maioritariamente na administração de medicamentos citotóxicos. Um desses fármacos é a doxorrubicina, uma droga antitumoral pertencente à classe das antraciclinas que atua intercalando-se no DNA das células cancerígenas. [2]

A quimioembolização arterial transcatéter (TACE) foi primeiramente introduzida em 1977 por Yamada.[3] É uma técnica vantajosa e inovadora que tem vindo a ser desenvolvida como um tratamento local deste tipo de cancro ou em metástases hepáticas. Mais recentemente a TACE convencional foi desenvolvida para a mesma técnica elaborada através de microesferas que transportam o fármaco (TACE-DEB - drug-eluting bead).[4]

O objectivo deste trabalho foi conhecer esta forma de administração de medicamentos, especificamente, para a doxorrubicina no tratamento do carcinoma hepatocelular. Foi realizada uma pesquisa de artigos publicados através dos motores de busca Pubmed e Google Scholar, de artigos em inglês e português, utilizando palavras-chave como

quimioembolização, carcinoma hepatocelular, doxorrubicina, TACE-DEB, chemoembolization, doxorubicin e liver cancer.

Neste método que recorre a microesferas (TACE-DEB) estas são carregadas com o fármaco em questão e posteriormente largadas por catéteres no local do tumor. [5]

A TACE feita através destas partículas carregadas com doxorrubicina permite obter maiores resultados e melhorias favoráveis na evolução do cancro no fígado. [4]

Esta tecnologia continua em estudo e em desenvolvimento para se poder tornar deveras importante na terapêutica contra vários tumores.

Palavras-chave: hepatocellular carcinoma; doxorubicin; chemoembolization; beads

Bibliografia:

- [1] Gastroenterology W, Practice O. Carcinoma hepatocelular (CHC): uma perspectiva mundial. 2009;1–15.
- [2] Yang F, Teves SS, Kemp CJ, Henikoff S. Doxorubicin, DNA torsion, and chromatin dynamics. Biochim Biophys Acta [Internet]. The Authors; 2014 Jan [cited 2014 Sep 10];1845(1):84–9. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24361676>.
- [3] Watanabe M, Shibuya A, Minamino T, Murano J, Matsunaga K, Fujii K, et al. Benefits and Problems of Transarterial Therapy in Patients with Hepatocellular Carcinoma and Chronic Kidney Disease. J Vasc Interv Radiol [Internet]. Elsevier; 2014 Oct 8 [cited 2014 Oct 15];1–9. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25306225>.
- [4] Sousa PF, Preto ASO, Leão D, Madureira AM. QUIMIOEMBOLIZAÇÃO TRANSARTERIAL Com Partículas Carregadas com Doxorubicina No Tratamento do Carcinoma Hepatocelular. 2010;29–36.
- [5] Hecq J-D, Lewis AL, Vanbeckbergen D, Athanosopoulos A, Galanti L, Jamart J, et al. Doxorubicin-loaded drug-eluting beads (DC Bead®) for use in transarterial chemoembolization: a stability assessment. J Oncol Pharm Pract [Internet]. 2013 Mar [cited 2014 Oct 15];19(1):65–74. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22801955>.

O2. CONHECIMENTOS E PRÁTICAS NA UTILIZAÇÃO DE ANTIBACTERIANOS POR ESTUDANTES DA ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DA SAÚDE DE LISBOA

Coelho, A.; Graça, A.

Escola Superior de Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal

Introdução: O uso irracional de antibacterianos é a principal causa do desenvolvimento de resistências antibacterianas, que associado à cada vez menor disponibilização de novas substâncias por parte da indústria farmacêutica conduz à inexistência de tratamentos efetivos contra determinadas infeções e ao número crescente de microrganismos multirresistentes [1,2]. A monitorização do consumo de antibacterianos em grupos populacionais específicos, como são os estudantes do ensino superior [3], associado à identificação das lacunas de conhecimento [4] sobre os antibacterianos, é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de informação e promoção do seu uso racional [5].

Objetivo: Com este trabalho pretende-se caracterizar os conhecimentos e práticas no uso de antibacterianos por parte dos estudantes de primeiro ciclo da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTeSL).

Materiais e Métodos: Foi desenvolvido um estudo descritivo, de natureza transversal. Os dados foram obtidos por resposta anónima a um questionário online, desenvolvido especificamente para este efeito, cujo link para preenchimento foi enviado para o e-mail institucional de todos os estudantes de 1º ciclo da ESTeSL com idade igual ou superior a 18 anos. Obtiveram-se 159 respostas válidas ao questionário. A análise estatística dos resultados obtidos foi realizada com recurso ao software SPSS, versão 22.

Resultados: Os participantes do estudo são predominantemente do sexo feminino (90.6%), com uma idade de média de 20.4 ± 0.12 anos, sendo 20.8% estudantes de Farmácia, 11.3% de Análises Clínicas e Saúde Pública e 10.7% de Dietética e Nutrição. 80.9% dos estudantes refere ter iniciado a última utilização de antibacterianos por indicação médica. Ao analisar a relação entre conhecimentos e práticas dos que referem ter iniciado a toma com um antibacteriano que tinha em casa, a larga maioria (85%) concordou com a afirmação “o esquecimento de uma ou mais tomas do antibacteriano pode atrasar a resolução do problema”, o que reflete alguma inadequação entre conhecimentos e práticas a este nível. Quando confrontados perante uma situação de aparente não efetividade dos antibacterianos durante o período de tratamento, a maioria (52.3%) admite continuá-lo durante o período recomendado. No entanto, 32.9% admite que o interrompe após a melhoria dos sintomas. Em relação aos conhecimentos sobre antibacterianos e resistência antibacteriana, a larga maioria (88.7%) dos estudantes admite que o uso frequente e inadequado de antibacterianos aumenta os riscos para a saúde, nomeadamente o desenvolvimento de bactérias resistentes. No entanto, apesar de 16,8% não associar a necessidade de iniciar a terapêutica antibacteriana quando estão constipados, concordam que os antibacterianos estão indicados em casos de gripes e constipações.

Conclusão: De um modo geral, os conhecimentos sobre antibacterianos e sobre as questões relacionadas com a resistência antibacteriana são positivos. No entanto, existe um gap considerável entre esses conhecimentos e as práticas efetivas no uso deste grupo de medicamentos.

Palavras-chave: Conhecimentos e práticas na utilização de antibacterianos; resistência antibacteriana.

Bibliografia:

[1] Powers JH. Antimicrobial drug development - the past, the present, and the future. *Clin Microbiol Infect.* 2004 Nov;10 Suppl 4:23-31.

[2] Davies J, Davies D. Origins and Evolution of Antibiotic Resistance. *Microbiol. Mol. Biol. Rev.* 2010 Sep; 74(3):417-433.

[3] Buke C, Hosgor-Limoncu M, Ermertcan S, Ciceklioglu M, Tuncel M, Köse T, et al. Irrational use of antibiotics among university students. *J Infect.* 2005 Aug;51(2):135-9.

[4] Huang Y, Gu J, Zhang M, Ren Z, Yang W, Chen Y, et al. Knowledge, attitude and practice of antibiotics: a questionnaire study among 2500 Chinese students. *BMC Med Educ.* 2013 Dec 9;13:163. doi: 10.1186/1472-6920-13-163.

[5] Azevedo M, Capela C, Baltazar F. Bacterial antibiotic resistance: role of health education in formal and nonformal contexts. In Mendéz-Vilas A. *Microbial pathogens and strategies for combating them: science, technology and education, 2013.* Disponível em: <http://www.formatex.info/microbiology4/vol3/1542-1547.pdf> (06-10-2014).

O3. CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DA CONTRACEÇÃO DE EMERGÊNCIA EM MULHERES JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Ribeiro, M.*; Fernandes, A.**

**Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Bragança; Investigadora do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento*

Colaboradora da Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

***Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Bragança; Investigador do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento*

Introdução: A contraceção pós-coital de emergência (CE) é o único método que pode ser utilizado após a relação sexual para prevenir a gravidez [1]. Não é considerado um método abortivo e não tem efeitos teratogénicos [1-2]. A sua eficácia é tanto maior quanto menor o tempo de administração após a relação sexual desprotegida. Assim, é recomendado que a toma da pílula seja efetuada nas primeiras 12 a 72 horas após a relação sexual. O mecanismo de ação da pílula do dia seguinte depende da fase do ciclo menstrual onde se encontre a mulher só sendo eficaz se ainda não tiver ocorrido a implantação do óvulo [3-4].

Objectivos: Avaliar o nível de conhecimento e a frequência de uso da contraceção de emergência em mulheres jovens estudantes do ensino superior; e, verificar se o nível de conhecimentos está correlacionado com a idade e o ano curricular frequentado.

Material e Métodos: Trata-se de um estudo transversal, analítico, observacional e quantitativo que teve como base uma amostra probabilística aleatória simples constituída por 245 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos. Os dados foram recolhidos, aplicando um questionário anónimo de autopreenchimento, em contexto de sala de aula, no período de janeiro a março de 2014. Estas jovens frequentavam um curso da área científica da saúde.

Resultados: O preservativo masculino foi o método contraceptivo mais conhecido (100%), seguido do preservativo feminino (96,7%), dos métodos contraceptivos hormonais orais (96,1%), da contraceção de emergência (91,4%) e do Diafragma (90,6%). Para a esmagadora maioria (95,9%), a escola foi principal fonte de informação. Das 234 jovens sexualmente ativas, 36,3% nunca recorreram à contraceção de emergência, 8,9% recorreram apenas 1 vez e as restantes recorreram mais do que uma vez (54,8%). A distribuição das jovens pelo nível de conhecimento foi o que se segue: 0,4% Mau; 25,7% Reduzido; 64,5% Médio; 9% bom e 0,4% Muito Bom. O teste de correlação de Spearman provou existirem correlações, estatisticamente, significativas, fracas e positivas entre o nível de conhecimento, a idade ($R_s=0,134$; $p=0,034$) e o ano curricular frequentado ($R_s=0,187$; $p=0,003$).

Conclusão: Considera-se que o nível de conhecimento registado foi pouco satisfatório dado o nível de formação das jovens estudantes. A idade e o ano curricular frequentado mostraram estar correlacionados com o nível de conhecimentos sobre a contraceção de emergência. Estes

resultados mostram a necessidade do reforço da formação dos futuros profissionais de saúde no que diz respeito aos métodos contraceptivos.

Palavras-chave: Métodos contraceptivos, Contraceção de emergência, Jovens, Mulheres.

Bibliografia:

- [1] Nunes, M. Conhecimento e utilização da contraceção de emergência em alunas do Ensino Secundário em Guimarães. Rev Port Clin Geral. 2005, 21: 247-56.
- [2] Souza, R. Pílula do dia Seguinte: uma revisão de literatura sobre anticoncepção de emergência. Cadernos UniFOA. 2008; Edição Nº08.
- [3] Nogueira, A.; Reis, F.; Neto, O. Anticoncepcionais de emergência – Porque não usar?. Medicina Ribeirão Preto. 2000, 33: 60-63.
- [4] Zucchi, R.; JR, J.; Zucchi, F.; Camano, L. Gravidez Ectópica após uso da Contracepção de Emergência: relato de caso. RBGO. 2004, 26 (9): 741-743.

COMUNICAÇÕES EM PAINEL

POSTERS

P1. PERSPETIVA DOS JOVENS SOBRE O DESTINO A DAR AOS RESÍDUOS DE MEDICAMENTOS

Ribeiro, M. *; Fernandes, A. **

*Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

**Politécnico de Bragança, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

Os medicamentos são na nossa sociedade um produto de consumo em grande escala [1]. Tal como a generalidade dos produtos, possuem uma vida útil, prazo que é determinado pelos seus fabricantes. Durante esse prazo o fabricante assegura a sua qualidade e, se utilizado de forma correcta, garante o efeito desejado. Os medicamentos pela ação do tempo perdem a sua eficácia assinalando-se a decomposição do princípio ativo e excipientes, devem por isso, findo o prazo de validade, ser devidamente depositados, por forma a evitar os efeitos prejudiciais, quer para o ser humano, quer para o ambiente [2-3]. Dependendo do grau de toxicidade, podem causar contaminação no meio ambiente, razão pela qual não podem ter o mesmo destino dos resíduos comuns [4].

Este trabalho teve como objetivo conhecer o destino que os jovens dão aos resíduos dos medicamentos. Nesta investigação, de natureza quantitativa, observacional, transversal e descritiva, participaram 372 estudantes de um total de 5200 estudantes inscritos e a frequentar o 1º ciclo numa instituição de ensino superior pública localizada no Nordeste Transmontano. Do total de participantes, a maioria era do sexo feminino (63,2%) e tinha idade compreendida entre os 17 e os 37 anos.

A esmagadora maioria dos jovens tem o hábito de manter medicamentos em casa (92,7%) e, considera que os fármacos têm efeitos nocivos para o ambiente e para o ser humano, se não depositados no local e forma adequados (84%). Quanto ao destino a dar aos medicamentos, 47% entregam-nos na farmácia, 36,8% depositam-nos no lixo normal, 14,6% mantêm-nos guardados, no mesmo local onde estão armazenados os restantes medicamentos, optando, 1,6% dos estudantes por outros destinos, nomeadamente, a sua reutilização (consumo animal e humano) ou entrega em outros locais que não a Farmácia (Centros de Saúde e Hospitais). A maioria considera que o destino que dá aos resíduos dos medicamentos não é o correto (42,3%) e apesar de terem o hábito de ler o folheto informativo dos medicamentos (82,8%), apenas 34,1% garante ter recebido informação através deste, sobre o seu destino mais adequado.

De acordo com as recomendações do INFARMED os medicamentos cujo prazo de validade caducou, bem como aqueles cujo aspeto se encontre alterado, por exemplo, mudança de cor, consistência ou cheiro, devem ser entregues na farmácia. Os resíduos dos medicamentos são um problema de saúde pública e ambiental, sendo importante sensibilizar os jovens e a população em geral para as boas práticas ambientais.

Palavras-chave: Medicamentos, Resíduos, Ambiente, Jovens.

Bibliografia:

- [1] Proença, P.; Moura, M. & Azeiteiro, U. Resíduos de Medicamentos: Atitudes, Conhecimentos e Comportamentos Assumidos. CAPTAR: Ciência e Ambiente para todos, 2011, 3(1): 1-14. ISSN: 1647-323X.
- [2] Manfio, J., Maso, A. Pug Determinação do prazo de validade do medicamento carbocisteína xarope através do método de Arrhenius. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas, 2007, 43 (4): 565-570.
- [3] Ferreira, w.; Silva, M.; Paula, A. & Resende, C. Avaliação de farmácia caseira no município de Divinópolis (MG) por estudantes do curso de farmácia da UNIFENAS. Infarma, 2005, 17 (7/9): 84-86.
- [4] Vaz, K.; Freitas, M.; & Cirqueira, J. Investigação sobre a forma de descarte de medicamentos vencidos. Cenarium Farmacêutico, 2011, 4 (4). ISSN: 1984-3380.

P2. CONHECIMENTO E CONSUMO DE TRANSGÉNICOS NA POPULAÇÃO DE BRAGANÇA

Ribeiro, M.*; Couto, C.**; Ribeiro, R.**; Silva, S.**

**Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, Portugal*

***Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal*

Os organismos geneticamente modificados também conhecidos como transgénicos, são organismos vivos, podendo ser plantas, animais ou microrganismos, cujo material genético sofreu alterações por meio da engenharia genética, através da introdução de sequências de DNA exógenas [1,2]. A produção de fármacos recombinantes, proteínas funcionais, enzimas industriais e metabolitos secundários em plantas são denominadas como “plant molecular farming” [3], podendo ser definidas como a produção de proteínas recombinantes através de plantas transgénicas em escala agrícola, visando fornecer novos caminhos aos desafios da área de saúde, pela utilização de novas fontes de drogas mais económicas [4].

O presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento da população de Bragança acerca dos transgénicos bem como determinar a prevalência do seu consumo.

Este estudo, do tipo transversal e descritivo, teve como base uma amostra probabilística acidental, constituída por 280 indivíduos residentes no concelho de Bragança, com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos. Os inquiridos eram na sua maioria do género feminino (60,7%) e residiam em meio rural (54,3%).

Relativamente ao conhecimento dos inquiridos acerca dos transgénicos constatou-se que 60,4% afirmaram saber o que são, sendo que, apenas, 31,4% referiu já os ter consumido. De destacar que uma parte significativa optaria por adquirir transgénicos desde que fossem mais nutritivos (50%) ou mais baratos (11,8%). Os resultados mostraram ainda que uma parte expressiva considera que a existência destes produtos no mercado pode melhorar a qualidade de vida das populações (46,8%) e por isso reconhecem ser importante o desenvolvimento de mais investigação nesta área (51,1%) para que haja mais informação disponível (86,4%) que permita ao consumidor tomar uma decisão mais informada e consciente aquando da sua aquisição. Desta forma, o rótulo assume especial relevância para a tomada de decisão do consumidor (82,5%). Considerando as divergências existentes na comunidade científica quanto aos riscos dos organismos transgénicos para o meio ambiente e saúde humana, 41,1% dos inquiridos consideram que estes produtos deveriam ser proibidos, embora 20% sejam da opinião de que a biotecnologia já fornece as garantias de segurança suficientes e 36,4% não tenham opinião formada sobre o assunto.

Tendo em vista que a biotecnologia pode oferecer benefícios para o rendimento sustentável, acréscimo de alimentos e prosperidade económica, com especial ênfase em países em desenvolvimento, vários países juntaram esforços na elaboração de regras internacionais e regulamentações internas para garantir o desenvolvimento da biotecnologia para benefício da sociedade em geral e, em especial, para a conservação dos recursos genéticos.

Palavras-chave: Transgénicos, Genética, Fármacos, Conhecimento, Consumo

Bibliografia:

- [1] Levitus, G., Echenique,V.; Rubinstein,C.; Hopp, E. & Mroginski, L. (Eds). Biotecnología y Mejoramiento Vegetal II. 2010, pp. 601-629.
- [2] Terada, R.; Urawa, H.; Inagaki, Y.; Tsugane, K. & Iida, S. Efficient gene targeting by homologous recombination in rice. Nature biotechnology. 2002, 20: 1030-34.
- [3] Spok, A. & Karner, S. Plant Molecular Farming: Opportunities and Challenges. Critica Reviews in Biotechnology. 2008, 28 (3): 153-72.
- [4] Gomord, V.; Chamberlain, P.; Jefferis, R. & Faye, L. Biopharmaceutical production in plants: problems, solutions and opportunities. Trends in Biotechnology. 2005, 23 (11): 559-65.

P3. RISCOS DA MANIPULAÇÃO DE CITOTÓXICOS

Nascimento, L.; Costa, C.**; Lopes, A.*; Palma, M.*; Pires, C.**

**Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança*

***Centro Hospitalar de Trás os Montes e Alto Douro*

Os medicamentos citotóxicos têm como função a inibição do crescimento e/ou processos vitais das células tumorais contudo, estes não são selectivos, não atingindo apenas as células afectadas. Assim, e acrescido ao facto de sabermos que estes são também carcinogénicos, mutagénicos e teratogénicos para quem os manipula, desenvolvemos este estudo com o objectivo de percebermos o risco que estes correm.

Para tal, realizamos um estudo descritivo e transversal, onde o instrumento de recolha de dados foi um inquérito, reunindo assim, uma amostra de 35 profissionais de três hospitais diferentes.

Os dados obtidos permitem-nos concluir que todos os manipuladores de citotóxicos presentes na amostra, conhecem os efeitos adversos advindos da manipulação, o que significa que todos têm a percepção do risco que correm.

Com este estudo, pretende-se alertar os profissionais de saúde que contactam directamente com esta realidade para a execução de boas práticas, a fim de reduzir o risco a que estão expostos.

Palavras-chave: Citotóxicos; Manipulação; Riscos

Bibliografia:

Caldevilla, N. Monitorização Biológica da Exposição a Quimioterápicos em Profissionais de Enfermagem, Setembro de 2003.

Gioda, S. Monitorização ambiental de fármacos citotóxicos, Porto Alegre 2010 .

Pereira, T. A Saúde Ocupacional dos Técnicos de Farmácia Manipuladores de Citostáticos, Coimbra, Outubro de 2005.

Palminha, M. Segurança de Fármacos Citotóxicos em Medicina Veterinária versus Medicina Humana, Lisboa 2010.

P4. AUTOMEDICAÇÃO

Nascimento, L.; Pinto, I.; Ribeiro, T.; Rodrigues, J.; Xavier, S.

Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

A automedicação é um fenómeno frequente nos autocuidados em saúde, desde há muito utilizado e cuja ocorrência e a distribuição estão naturalmente relacionados com a organização do sistema de saúde de cada país, considerando-se como globalmente positivo o aumento da responsabilidade dos doentes pela gestão da sua própria saúde.

Na nossa sociedade os cidadãos consideram a farmácia como um local de primeira escolha para aí resolver os seus problemas de saúde, quer pela acessibilidade quer pelos profissionais de saúde que lá trabalham. Assim, facilmente compreendemos a necessidade do profissional de farmácia (farmacêutico ou técnico de farmácia) intervir activamente na transmissão de informação sobre saúde, aconselhamento e dispensa de medicamentos sem receita médica. O nível de informação e o papel dos médicos, farmacêuticos e técnicos de farmácia assume particular importância no acompanhamento dos doentes em automedicação.

O principal objectivo deste estudo é compreender os motivos que levam as pessoas a automedicarem-se e analisar a epidemiologia e a prevalência da automedicação na população de Portugal, mais precisamente na cidade de Bragança.

De modo a alcançar os objectivos desta investigação, foi definido um estudo que se desenvolveu segundo uma abordagem quantitativa do tipo descritivo simples. Usou-se este tipo de estudo, pois este consiste em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características desta.

Verificou-se que de um modo geral existe um número elevado de indivíduos que recorre à automedicação, e grande parte julga que os sintomas são comuns e ligeiros e que não justificam uma consulta médica. O seu comportamento face à automedicação embora apresente alguns cuidados, na sua maioria desenrola-se como uma automedicação não responsável. Os indivíduos que a praticam não apresentam conhecimentos dos riscos que o medicamento que usaram poderia ter causado.

Foi possível verificar que quando um técnico de farmácia ou até aluno de farmácia intervém na comunidade, mesmo que seja com a aplicação de um questionário faz com que os indivíduos reflectam sobre o tema que está a ser estudado. Neste caso verificou-se que após a aplicação dos questionários alguns indivíduos reflectiam e chegavam mesmo a admitir que não têm vindo a proceder correctamente em relação à automedicação.

Palavras-chave: Automedicação; Medicamentos não sujeitos a receita médica; Prevalência.

Bibliografia:

Marques, A.P.; Mendes, Z.; Soares, M.A.; Nogueira, A.; Miranda, A.C. Prevalência da automedicação na população urbana. Editor: Centro de estudos de farmacoepidemiologia da Associação Nacional de Farmácias, In Publicações Farmácia Portuguesa, 1999, pp. 5-15.

Cruz, P. Riscos da Automedicação, In Farmácia Saúde, 2006, Lisboa, vol.114, pp. 4-6.

Hipólito de Aguiar, A. "Automedicação". In Aguiar, António Hipólito de Skallarides, Constantino, Medicamentos, Que realidade? Passado, Presente e Futuro. 2ª Edição, Climepsi Editores, 2004, Lisboa, pp. 108-115.

Martinez Pinto; L. O farmacêutico e a automedicação In Automedicação: intervenções e debates, Edição: Divisão de Assuntos Sociais, 1998, Oeiras, pp. 31-49.

P5. MEDICAMENTOS BISSIMILARES - REVISÃO

Reis, C.S.*; Cruz, R.S.**

*Aluna da Licenciatura em Farmácia. Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

**Orientador e Coordenador de Investigação. Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

Introdução: Por definição, biossimilares são medicamentos biológicos similares a um biológico de referência que já tenha recebido autorização de introdução no mercado. O objetivo dos biossimilares é a redução dos custos, para assim aumentar o acesso a esta terapêutica. No entanto, as preocupações dos profissionais de saúde e utentes remetem para a diminuição de custos, certamente, mas sem descuidar a qualidade, eficácia e sobretudo segurança.

Objetivo: O presente estudo pretende analisar o grau de similaridade entre os biossimilares e os seus biofármacos de referência, tentando perceber o processo de produção destas moléculas, exigências necessárias para a sua aprovação, e o seu impacto ao nível da qualidade, segurança, eficácia e custos.

Métodos: Para a revisão sistemática sem meta-análise, pesquisámos artigos na Medscape, b-on e Pubmed entre 2005-2014, sendo 23 artigos selecionados para análise.

Resultados: Vários estudos indicam, que no geral os biossimilares e os biológicos de referência não apresentam diferenças significativas senão aquelas inerentes ao processo de produção, estando os primeiros susceptíveis a ensaios de comparabilidade que demonstrem a similaridade ao nível da eficácia e segurança clínica.

Conclusão: Os biossimilares vão estar cada vez mais presentes no arsenal terapêutico do futuro como terapia promissora e direcionada, no entanto, questões relacionadas com a imunogenicidade, interpermutabilidade, substituição automática e extrapolação das indicações terapêuticas devem continuar a ser estudadas e debatidas.

Palavras-chave: Biossimilares, eficácia, segurança, imunogenicidade, interpermutabilidade

Bibliografia:

Reuniões de reflexão da Revista Portuguesa de Farmacoterapia: Medicamentos Biossimilares. Rev. Port. Farmacoter. 2013;Vol. 5.

Malozowski S. Biossimilars. Arq Bras Endocrinol Metab. 2011;55/8:669–70.

Lapadula G, Ferraccioli GF, Heumatology EXR. Biosimilars in rheumatology : pharmacological and pharmaco-economic issues. Clin. Exp. Rheumatol. 2012;30 (Suppl.S102–S106).

Puig L. Biosimilars in Dermatology : Starting With Infliximab. Actas Dermosifiliogr. 2013;104(3):175–80.

Fonseca JE, Gonçalves J, Araújo F, Cordeiro I, Teixeira F, Canhão H, et al. The Portuguese Society of Rheumatology position paper on the use of biosimilars. ACTA Reum. PORT. 2014;60–71.

P6. AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS RELATIVOS AOS RH PELOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DA UHB

Nascimento, L.; Deusdado, S.**; Fernandes, M.*; Moura, S.*; Oliveira, T.**

** Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança*

***Escola Superior Agrária de Bragança, ESA, Portugal*

O presente estudo foi realizado em Bragança, tendo como objectivo, avaliar os conhecimentos dos profissionais de saúde da Unidade Hospitalar de Bragança (UHB) relativamente aos resíduos hospitalares (RH), no seguimento da unidade curricular Métodos e Técnicas de Investigação da Licenciatura em Farmácia da Escola Superior de Saúde de Bragança.

Trata-se de um estudo descritivo, correlacional e de carácter exploratório. Os dados foram recolhidos por meio de inquéritos realizados pelos constituintes deste grupo de trabalho e foram distribuídos nos diferentes serviços da UHB, sendo o tipo de amostragem feita de modo aleatório, estratificado e por conveniência. A dimensão da amostra correspondeu a 15% dos profissionais de saúde da referente instituição, mas a amostra pretendida era de 30%.

O objectivo deste estudo é analisar se na UHB, a triagem de resíduos é devidamente efectuada cumprindo todas as normas de segurança e legislação em vigor, por todos os profissionais de saúde, e se estes, receberam formação suficiente acerca deste tema, saber também se existe alguma relação entre “profissão”/“tempo de serviço” com a “triagem em cada serviço”, o que se revela tão importante nos nossos dias para bem de todos os profissionais, utentes e população em geral, assim como para a preservação a nível ambiental.

Assim pode dizer-se que é necessário promover mais acções de formação, por parte de Unidade Hospitalar de Bragança para os profissionais que contactam diariamente com estes resíduos, de modo a não suscitarem dúvidas, que os possam levar a cometer erros. Tais erros trazem custos à Instituição em causa, uma vez que, quando se coloca o resíduo no recipiente errado, paga-se mais para efectuar a triagem.

É também uma lacuna a colmatar pelos cursos superiores de saúde, uma vez que os profissionais deveriam trazer da faculdade alguma formação acerca deste assunto, essencialmente os enfermeiros, pois são eles quem mais contactam com os diversos tipos de resíduos hospitalares.

Palavras-chave: Resíduos Hospitalares, triagem, profissionais de saúde

Bibliografia:

Queiróz, M. I. de P. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: Lang, A.B.S.G., org. Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29. (Coleção Textos; 2a série, 3).

Minayo, M. C. de S. & Sanches, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, 9: 239-62, 1993

Barros, A. P. Paes de.& Lehfeld, N.A. de Souza. Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica. São Paulo. McGraw-Hill, 1986.

Cervo, Amando Luiz & Bervian, Pedro Alcino. Metodologia Científica. 4ª ed. São Paulo: MAKRON, 1996.

WHO (1999). Safe Management of Wastes from Health-Care Activities. Annette Prüss, E. Giroult, P. Rushbrook (eds.). WHO, Geneva.

P7. TRATAMENTO TÓPICO DA PSORÍASE - REVISÃO

Cotrim, T. S.; Grou, A. S.**; Cruz, R. S.****

**Aluna da Licenciatura em Farmácia. Inst Politec Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Farmácia, Portugal*

***Orientadora de Investigação. Inst Politec Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Farmácia, Portugal*

****Coordenador de Investigação. Inst Politec Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Farmácia, Portugal*

Introduction: Psoriasis is a skin inflammatory chronic disease characterized by desquamated plaques, of different size, usually located in the hair scalp, low zone of the back, umbilical region, intergluteus fold, knees and elbows. Its prevalence on the caucasian population is 1 to 3%. Portugal has about 250 thousand people. The topical treatment is the main therapeutic procedure. **Objective:** The study intends to review the topical therapies currently used in this disease's treatment, its respective mechanisms of action and the most efficient therapy.

Methods: For the systematic review, we researched articles on Pubmed, B-on, Science Direct, Scielo, Embase e Scopus, to 2004-2014, and selected for analysis 20 articles that contributed to the verification of the objectives of this study.

Results: Currently used Psoriasis topic treatments are based in emollient substances. coal tar, anthralin (dithranol), topical retinoids (tazarotene), calcineurin inhibitors (pimecrolimus and tacrolimus), keratolytics (salicylic acid, urea, propylene glycol and glycolic acid), vitamin D analogues (calcitriol, calcipotriol and tacalcitol), and corticosteroids. This therapies present distinct mechanisms of action, namely in skin hidratation, hyper proliferation control, anti-inflammatory action and immunosuppression.

Conclusion: In this study the topic treatment that showed to be more effective was the corticosteroid with vitamin D analogues association.

Palavras-chave: Tratamento tópico; psoríase; mecanismo de ação; eficácia.

Bibliografia:

Koo J, Lee E, Lee CS, Lebwohl M. Psoriasis. J. Am. Acad. Dermatol. 2004 Apr

Murphy G, Reich K. In touch with psoriasis: topical treatments and current guidelines. J. Eur. Acad. Dermatol. Venereol. 2011 Jun

Sampogna F, Gisondi P, Melchi CF, Amerio P, Girolomoni G, Abeni D. Prevalence of symptoms experienced by patients with different clinical types of psoriasis. Br. J. Dermatol. 2004 Sep

Uva L, Miguel D, Pinheiro C, Antunes J, Cruz D, Ferreira J, et al. Mechanisms of action of topical corticosteroids in psoriasis. Int. J. Endocrinol. 2012 Jan

PSO Portugal (Associação Portuguesa da Psoríase)

P8. CONSUMO DE ANTIGRIPAIS - PERSPETIVA DOS PROFISSIONAIS DE FARMÁCIA E DOS UTENTES DA CIDADE DE GUIMARÃES

Nascimento, L.; Pereira, O.R.; Martins, A.; Luís, Â.; Ferreira, I.; Ribeiro, M.

Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Introdução: Os antigripais caracterizam-se por serem uma associação de várias substâncias ativas, podendo ser usadas para diversas situações. Assim, e por serem Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica, a sua aquisição torna-se rápida e acessível, levando ao consumo exagerado e inadequado de antigripais. Apesar deste tipo de medicamento ser considerado por muitos profissionais de saúde, uma forma de tratamento segura, não são isentos de substâncias inócuas, pelo que o seu consumo deve ser orientado por um profissional de saúde. Deste modo, torna-se fundamental avaliar quer as perspectivas dos utentes, quer as dos profissionais, de forma a determinar o consumo de antigripais.

Objetivo: Avaliar o consumo de Antigripais, tendo em conta a perspectiva dos utentes e dos profissionais de Farmácia na cidade de Guimarães.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, observacional e analítico que teve como base duas amostras constituídas por 263 inquiridos da cidade de Guimarães e 50 profissionais de farmácia desta cidade. A recolha de dados ocorreu no período de Dezembro de 2013 a Fevereiro de 2014, através da aplicação de dois questionários relativos a cada uma das amostras. As informações obtidas foram analisadas com recurso ao programa SPSS 20 (Statistical Package for the Social Sciences).

Resultados: Os profissionais consideram que o Ilvico N[®] é o antigripal mais vendido nas farmácias, sendo a razão desta venda a publicidade transmitida pelos diferentes meios de comunicação. No entanto, quando um utente vai á farmácia pedir um antigripal específico, isso deve-se ao facto de ele já o ter utilizado (62%). Estes profissionais concordam que os antigripais sejam de venda livre. Uma vasta percentagem de utentes conhece e consome o Cêgripe[®], Antigripine[®] e Ilvico N[®], sendo este grupo de medicamentos mais consumido no Outono/Inverno. Dentro da amostra em estudo, 234 inquiridos afirmam reconhecer os sintomas da gripe indicando maioritariamente a febre, dores articulares e musculares e mal-estar. As principais reações adversas referenciadas pelos inquiridos são sonolência, boca seca, distúrbios gastrointestinais e tonturas.

Discussão e Conclusão: Conclui-se que a maioria dos utentes da cidade de Guimarães consome antigripais, recorrendo à automedicação uma vez que estes fármacos são Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica. Na perspetiva dos profissionais de farmácia a publicidade surge como o fator principal para aquisição de um antigripal, contudo, segundo a perspetiva dos utentes, estes assumem dar maior relevância à sua opinião e ao aconselhamento do profissional de farmácia.

Palavras-chave: Antigripais; Nível de Consumo; Utente; Automedicação; Profissional de Farmácia.

Bibliografia:

Dessing RP, Flaming J. Ethics in pharmacy: a new definition of responsibility. Pharm World Sci. 2003 Feb;25(1):3-10.

P9. TUBERCULOSE PULMONAR: PREVALÊNCIA E RESISTÊNCIA A TUBERCULOSTÁTICOS

Nascimento, L.; Costa, X.; Sousa, L.; Barbeitos, S.

Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

A tuberculose tem estado presente durante todo o desenvolvimento da humanidade. Em Portugal a situação da doença é preocupante, porque, apesar da sua diminuição ao longo dos últimos anos, esta redução tem sido lenta quando comparada com outros países da Europa e do resto do mundo.

No distrito de Bragança, a incidência da doença é relativamente baixa, por comparação ao resto do país.

Devido a inexistência de estudos relacionados com a epidemiologia da Tuberculose Pulmonar no concelho de Bragança, partiu-se para a realização deste estudo, cujo principal objectivo é investigar acerca da prevalência desta doença e também acerca da resistência aos anti-tuberculosos utilizados no tratamento.

Após a recolha dos dados, nas Unidades de Saúde, através do sistema SVIG-TB, procedeu-se à análise e comentário dos mesmos. Verificou-se que no período de 2000 a 2009, foram notificados 69 casos de tuberculose pulmonar, sendo que 63 destes correspondem a novos casos. Observou-se um maior número de casos (46) em indivíduos do género masculino, relativamente a indivíduos do género feminino (23). O mesmo se verifica em relação às faixas etárias mais afectadas, registando-se uma maior percentagem de casos entre os 15 e os 34 anos de idade (população jovem/adulta).

Foi possível constatar a inexistência que quaisquer tipos de resistência a fármacos tuberculostáticos.

Relativamente ao sucesso terapêutico, observam-se 64 casos de tratamento completado, 2 casos de falecimento, uma interrupção e 2 casos ainda em tratamento.

Palavras-chave: Pulmonar, epidemiologia, prevalência, tuberculostáticos, resistência a tuberculostáticos.

Bibliografia:

Antunes, A. Fonseca – Relatório para o Dia Mundial da Tuberculose – STOP TB 2010. DGS, 2010. 18p. com acesso em <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i012626.pdf>, em 10/05/2010.

Pinto, Elisabete R., Rodrigues, Cátia P. T. – Tuberculose: Riscos associados ao seu tratamento. Janeiro 2004, com acesso em <http://www.ff.up.pt/toxicologia/monografias/ano0304/Tuberculose/tuberculose.html>, no Web site da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, a 15/02/2010.

Briz, Teodoro [et al.] – O controlo da tuberculose em Portugal: uma apreciação crítica epidemiológica global. Revista Portuguesa de Saúde Pública vol. 27, Nº1, Janeiro/Junho 2009. p.20 com acesso em <http://www.ensp.unl.pt/dispositivos-de-apoio/cdi/cdi/sector-de-publicacoes/revista/2000-2008/pdfs/rpsp-1-2009-1/02-2009.pdf> em 20/10/2010.

Ahlburg, D. – The economic impact of tuberculosis. Geneva, World health Organization, 2000 in Organização Mundial de Saúde - Tratamento da Tuberculose: linhas orientadoras para programas nacionais. – DGS, 2004.

P10. AMANITA PHALLOIDES - UMA REVISÃO DOS EFEITOS TÓXICOS À LUZ DO POTENCIAL TERAPÊUTICO

Ventura, S.; Ferreira, P.

Instituto Politécnico da Guarda, Escola Superior de Saúde (IPG-ESS), Farmácia, Portugal

Os cogumelos são um fruto apetecível nas estações do outono em Portugal. Os rituais gastronómicos locais aliados à riqueza nutricional justificam o consumo de cogumelos na maioria das regiões do território continental.

As intoxicações pela ingestão de cogumelos (micetismos), apesar de terem uma baixa incidência são de ocorrência recorrente. Segundo o Instituto Nacional de Emergência Médica, do total de intoxicações registadas em 2011, registaram-se 32 casos de intoxicação por cogumelos em adultos e 9 casos de intoxicação por cogumelos em crianças. Brandão et al, num estudo efetuado em Portugal, entre 1990 e 2008, refere a notificação de 93 casos de intoxicação aguda por cogumelos. Das formas de apresentação de intoxicação 63,4% correspondiam ao perfil hepatotóxico, com uma mortalidade associada de 11,8% [1].

A *Amanita phalloides*, conhecida como “capa de morte” é um cogumelo tóxico cuja ingestão está associada a 95% de casos de intoxicação por cogumelos na Europa. Vinte a cinquenta gramas de cogumelo fresco podem causar lesões no fígado e nos rins devido a uma série de ciclopeptídeos de baixo peso molecular, das quais se evidenciam oito tipos de amatoxinas dicíclicas octapeptídicas e sete falotoxinas cíclicas heptopeptídicas. Os efeitos negativos causados pela ingestão de *Amanita phalloides*, são essencialmente causadas pela amanitina [2]. Na intoxicação pela *Amanita phalloides*, a abordagem terapêutica pode incluir o Sistema de Recirculação Molecular Adsorvente (SRMA), a hemoperfusão do sangue com carvão ativado e até a utilização de terapêuticas naturais através do uso de *Silybum marianum*, como antagonista farmacocinético [3]. Contudo, a evidência em estudos pré-clínicos indica que a amanitina, tóxica para o homem, pode ser utilizada potencialmente com benefício terapêutico em doenças oncológicas uma vez que permite uma inibição da atividade das células tumorais e possibilita a estabilização do número das células leucémicas [4]. Outra das toxinas da *Amanita phalloides*, a antamanita, apresenta efeitos competitivos antagónicos no transporte membranar de falotoxinas e amatoxinas, e permite modelar a permeabilidade mitocondrial dos poros de transição, importantes no processo de indução de morte celular, e cuja actividade está alterada em muitas patologias [5].

A *Amanita phalloides* embora seja um cogumelo tóxico também apresenta características promissoras e potencialmente benéficas para a medicina e terapêutica do século XXI.

A revisão sobre a toxicologia da *Amanita phalloide* foi efetuada em pubmed.org. e foram encontrados aproximadamente quinhentos artigos, publicados entre janeiro de 1976 e janeiro de 2011, dos quais trinta e oito eram artigos de revisão.

Palavras-chave: *Amanita phalloides*, toxicologia, intoxicação, toxinas.

Bibliografia:

- [1] Brandão et al, Intoxicação por cogumelos em Portugal, Acta Med Port. 2011; 24(S2): 269-278.
- [2] Bonnet MS, Basson PW. The toxicology of Amanita phalloides. Homeopathy, 2002, 91: 249-254.
- [3] Lionte C, Sorodoc L, Simionescu V. Successful Treatment of an Adult with Amanita Phalloides - Induced Fulminant Liver Failure with Molecular Adsorbent Recirculating System (MARS). Rom J Gastroenterol, 2005, 14(3) 267- 271.
- [4] Riede I. Tumor Therapy with Amanita phalloides (Death Cap): Stabilization of B-Cell Chronic Lymphatic Leukemia. The Journal of alternative and complementary medicine, 2010, 1129-1132.
- [5] Azzolin et al. Antamanide, a Derivative of Amanita phalloides, Is a Novel Inhibitor of the Mitochondrial Permeability Transition Pore. PLoS ONE, 2011, vol. 6, e1,6280: 1-9.

P11. RISCOS ASSOCIADOS À PREPARAÇÃO E MANUSEAMENTO DE CITOTÓXICOS

Almeida, C.; Costa, C.; Silva, D.; Carvalho, M.; Figueiredo, A.; Ferreira, A.; Pires, T.

Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC- Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

Os citotóxicos são medicamentos, utilizados em quimioterapia e que possuem uma grande importância no tratamento de doentes oncológicos. São preparados segundo rigorosa técnica asséptica, em ambientes controlados e por profissionais qualificados.

Cada instituição responsável pela sua preparação deve conter um manual de procedimentos e seguir as guidelines estabelecidas das boas práticas em asséptica, nas quais se incluem: o equipamento de proteção individual, as câmaras de fluxo laminar, filtros, o kit de “derramamento”, entre outros. Não obstante, a contaminação é um factor latente à manipulação destas substâncias.

Este trabalho tem como objetivo principal estudar os perigos toxicológicos a que manipulador, doentes e meio ambiente estão sujeitos no incumprimento das boas práticas assépticas. Para tal foi realizada uma revisão através de uma pesquisa Google Scholar, de artigos em português, referentes à manipulação de citotóxicos e riscos ocupacionais associados.

As principais formas de exposição dos profissionais de saúde que preparam tratamentos de quimioterapia são derrame ou quebra dos frascos de acondicionamento, por meio de inalação dos aerossóis, ou contacto direto com a pele. Entre várias classificações, uma delas distingue os factores de risco em quatro categorias principais: factores de risco de natureza física; de natureza química; de natureza biológica e de natureza psicossocial. Uma das formas de contaminação mais frequente e que acarreta mais problemas aos profissionais de saúde que preparam estas substâncias, é a contaminação do meio de trabalho. Actualmente, existem estudos com técnicas inovadoras para estudar este fenómeno, tais como, o “wipe sampling” de superfícies e a marcação dos fármacos com uma solução de fluoresceína (10mg/L) para posterior identificação de superfícies contaminadas.

Conclui-se assim que, apesar de todos os riscos associados à preparação de citotóxicos, desde que esta seja feita segundo as normas e cumprindo todos os procedimentos previamente estudados e estabelecidos, o risco de contaminação será sobejamente reduzido.

Palavras-chave: Citotóxico, Asséptica, Contaminação, Risco Ocupacional

Bibliografia:

Avaliação Dos Níveis De Risco Ocupacional Associados Ao Manejo De Medicamentos Antineoplásicos Numa Central De Abastecimento Hospitalar. Lima Moura, Leonardo. 2013. Salvador, Brasil : s.n., 2013.

Oliveira da Silva, João. 2011. Manipulação de citostáticos num Hospital: Estudo no impacto sobre a contaminação no ambiente ocupacional. Guimarães : s.n., 2011.

Santos, Joana. 2010. Segurança No Circuito Do Medicamento Citotóxico: Contributos Para a Avaliação Da Realidade Hospitalar. Vila Nova de Gaia : s.n., 2010.

Teixeira, Ana Maria. 2011. Preparação de Medicamentos Citotóxicos: Riscos Profissionais e Condições de Trabalho. Lisboa : s.n., 2011.

P12. HEMOFILIA A: CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA E POSSÍVEIS TRATAMENTOS FARMACOLÓGICOS

Costa, C.; Almeida, C.; Silva, D.; Pires, T.

Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC - Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

A hemofilia caracteriza-se por ser uma doença genética de carácter recessivo ligada ao cromossoma X que está relacionada com o processo de coagulação sanguínea.

O sangue contém muitas proteínas, entre elas os fatores de coagulação que ajudam a formar o coágulo e assim, a estancar uma hemorragia. Esses fatores são numerados de 1 a 13 e, com o auxílio de outras substâncias, operam numa reação em cadeia denominada cascata da coagulação. Doentes com Hemofilia A não possuem (ou possuem em quantidade insuficiente) o fator VIII. Assim, é mais difícil a formação do coágulo e mesmo quando este se forma, não tem capacidade de estancar a hemorragia. Os frequentes sangramentos surgem horas ou dias após a lesão podendo comprometer qualquer órgão através da formação de coágulos sanguíneos, necrose muscular, congestão venosa e lesão isquémica dos nervos persistindo durante dias ou semanas, caso não seja tratado. A sua prevalência varia consideravelmente entre diversos países imperando no sexo masculino, uma vez que o sexo feminino é maioritariamente portador.

O diagnóstico mais eficaz é através da realização de um exame sanguíneo ao paciente permitindo avaliar parâmetros tais como o tempo de coagulação, os níveis de fatores de coagulação e a presença ou ausência dos mesmos.

Apresentando vários graus de severidade, esta patologia e não pode ser erradicada, mas para contornar a falta destes fatores, são realizados tratamentos farmacológicos. A injeção intravenosa de fatores de coagulação, de desmopressina e de fitomenadiona são os mais usados e muitos deles implicam o tratamento profilático dos doentes.

Este estudo visa compreender os sinais de doença, a sua fisiopatologia bem como o seu diagnóstico e, por fim, a enumeração dos diversos tratamentos farmacológicos.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica à base de livros, sendo reforçada com dados retirados do site do Infarmed, referentes à doença, a forma como esta se manifesta, ao seu diagnóstico e tratamento.

Aquando do diagnóstico de Hemofilia A os doentes, ou os seus tutores, devem ser devidamente informados a cerca da patologia e dos tratamentos necessários.

A terapêutica ideal seria aquela que proporcionasse produção endógena contínua destes fatores, protegendo o paciente de sangramentos e agentes infecciosos que possam estar presentes nas terapias de reposição, garantindo a qualidade de vida dos hemofílicos.

Palavras-chave: Hemofilia A; Cascata da Coagulação; Coagulação sanguínea; Hemorragia; Tratamentos Farmacológicos

Bibliografia:

Pinto, G. M., Lima, N. G., Grando, R. D., Machado, L., & Johan, L. M. (7 de Novembro de 2001). Hemofilia A.

Infarmed. (18 de Fevereiro de 2011). Infarmed. Obtido em Novembro de 2013, de infomed: http://www.infarmed.pt/infomed/download_ficheiro.php?med_id=954&tipo_doc=rcm

(1998). Medicina interna. In Fauci, Harrison, Braunwald, Isselbacher, Wilson, Martin, et al., Medicina interna (14 ed., Vol. I, pp. 786-788). Rio de Janeiro: McGraw-Hill.

Franco, R. (2001). Fisiologia da coagulação, anti coagulação e fibrinólise. Medicina, Ribeirão Preto , 34, 229-237

Guimarães, S., Moura, D., & Soares da Silva, P. (2006). Terapêutica medicamentosa e suas bases farmacológicas (5 ed.). Porto: Porto editora.

P13. PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO ADULTA UTENTES DO CENTRO DE SAÚDE DA CIDADE DE BRAGANÇA

Nascimento, L.; Ribeiro, I.**; Gomez, J.*; Reis, C.**

** Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança*

***Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior*

O objectivo deste trabalho foi determinar a prevalência da automedicação na população adulta, avaliando os principais motivos e sintomas que a influenciam, o conhecimento que têm quanto às reacções adversas e interacções medicamentosas, bem como os grupos farmacológicos mais utilizados pelos utentes que frequentam o centro de saúde da cidade de Bragança. Para a realização deste estudo, elaborou-se e aplicou-se um questionário a 275 utentes de um total de 27500 inquiridos que frequentam o centro de saúde da cidade de Bragança. Constatou-se que a amostra era maioritariamente constituída por elementos do sexo feminino (63,6%), com idades compreendidas entre 18 e 38 anos (43,6%), com nível de escolaridade até ao 1º ciclo (28%) residentes na cidade (57,1%). Do total de respondentes 74,9% afirmam conhecer o termo automedicação, 58,1% dizem ter ouvido falar através de uma conversa com amigos e familiares e 36,4% consulta um médico. O principal motivo que leva à prática da automedicação é a iniciativa própria (37%). A taxa de prevalência foi de 88,4%, e destes 43,6% afirmam que raramente praticam a automedicação. Através da análise dos resultados, verificou-se que a principal causa que leva os indivíduos a recorrer à automedicação, relaciona-se com sintomas os considerados menores, como a gripe, constipação e a tosse (76,5%). Os analgésicos e antipiréticos são os grupos terapêuticos mais utilizados sem prescrição médica (91%). Daqueles que se automedicam, verificou-se que 58,8% têm conhecimento das reacções adversas e 54,3% desconhece as interacções medicamentosas. Utilizando os testes de independência, verificou-se que existe associação entre o “conhecimento do termo automedicação” e as variáveis “local de residência” e “nível de escolaridade”. Por outro lado, o local de residência apresenta associação com o consumo de medicamentos sem receita médica. Provou-se também que as variáveis “conhecimento das reacções adversas e das interacções medicamentosas” e o “sexo” não estão relacionadas.

Palavras-chave: Prevalência, automedicação, medicamentos, reacções adversas e interacções medicamentosas

Bibliografia:

Acevedo DV, Valle AA, Toledo JLM. Características de la adquisición de medicamentos en Morelia (Michoacán, México). Bol Oficina Sanit Panam 1995;119:237-42.

Aguiar, A.H. Medicamentos que realidade? Passado, presente e futuro. s.l., s.ed.; 2002.

Arrais, Paulo Sergio D. ;coelho, Helena Lutécia L. ;Batista, Maria do Carmo D. S.;Carvalho,Marisa L ;Righi, Roberto E.; Amau Josep Maria : Perfil da Automedicação no Brasil. Revista de Saúde Pública, v. 31.p. 71-79; 2005.

P14. HÁBITOS E COMPORTAMENTOS TABÁGICOS DOS PROFESSORES DO IPB

Nascimento, L.*; Pires, T.*; Ribeiro, I.**

*Departamento das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

**Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

Na actualidade, o uso abusivo das substâncias psicoativas (SPA) constitui um dos mais importantes problemas de saúde pública mundial, considerando-se a magnitude e a diversidade de aspectos envolvidos [1]. O reconhecimento científico dos malefícios do consumo de tabaco, da poluição tabágica ambiental e as propriedades aditivas da nicotina com repercussões na efectividade das medidas de desabitação tabágica, têm estimulado o desenvolvimento e implementação de um leque alargado de medidas, programas e políticas de controlo do consumo [2].

Este estudo de investigação tem como objectivos, determinar a prevalência do tabagismo na população de docentes do IPB, conhecer os hábitos e comportamentos do consumidor de tabaco e determinar os factores associados ao consumo do tabaco.

Para levar a cabo o estudo empírico recorreu-se ao método de investigação por questionário do qual constam perguntas fechadas, administrado por correio electrónico ao universo dos professores do IPB em Dezembro de 2008. A população de que é alvo este estudo é constituída por 377 professores de todas as escolas de ensino superior integradas no Instituto Politécnico de Bragança, designadamente, a Escola Superior de saúde (ESSa), a Escola Superior Agrária (ESA), a Escola Superior de educação (ESE), a Escola Superior de tecnologia e Gestão (ESTG) e a Escola Superior Comunicação, Administração e Turismo (EsCAT).

Os dados recolhidos foram, posteriormente, tratados recorrendo a técnicas estatísticas como a estatística descritiva e a análise bivariada.

Para o tratamento estatístico dos dados obtidos, foram utilizadas medidas descritivas para caracterizar a amostra e foi aplicado o teste de correlação de Spearman para relacionar duas variáveis ordinais. O programa informático usado foi o Statistical Package for the Social Sciences.

Segundo estudos realizados assiste-se a um aumento da prevalência de mulheres fumadoras, especialmente entre as mais novas e as mais escolarizadas [3,4], salientando-se que embora crescente, a proporção de mulheres portuguesas que fuma diariamente é inferior à média europeia. Neste estudo a maior parte dos inquiridos pertencem ao sexo feminino e são fumadoras, resultados que vem apoiar estudos anteriormente realizados.

Ao comparar a prevalência de fumadores nas diferentes classes etárias observa-se que os consumos são mais elevados nos indivíduos entre os 34 e os 43 anos, com prevalência no sexo feminino. A idade de início de consumo de tabaco é um importante determinante do consumo regular⁵. Quando o consumo se inicia na infância ou nas fases mais precoces da adolescência é mais provável que resulte num consumo regular e futuramente num risco acrescido de morte por

doenças habitualmente relacionadas com o tabaco⁶. Em Portugal tem vindo igualmente a diminuir nas mulheres, sendo a variação menos acentuada nos homens. Neste estudo as mulheres revelam uma tendência para começar a fumar mais cedo do que os homens. Um estudo realizado no ano de 2002 revelou uma prevalência de 30,3% de fumadores nos professores do sexo masculino e 24,3% de fumadores nas professoras [7]. A curiosidade foi a razão mais frequentemente referida para o consumo de tabaco (69.4%). A escola foi o local referido como o mais frequentemente usado para fumar, em ambos os sexos (33.3%).

Através da tabela 4 pode verificar-se que os factores positivamente relacionados com o consumo do tabaco são, designadamente, o número de cigarros que fuma por dia (0.000), o individuo fumar dentro do carro quando está sozinho (0.000), ter irmãos fumadores (0.002), fumar dentro de casa de amigos e familiares (0.000), fumar para combater o stress (0.000), prazer em fumar (0.000), o parceiro fumar (0.000), fumar dentro de casa mesmo quando não está sozinho (0.000), fumar à frente dos filhos e de familiares (0.000), fumar para parecer mais adulto (0.000). O inquirido tem consciência que fumar pode prejudicar outras pessoas e fazer mal à saúde, contudo não abdica deste hábito.

Palavras-chave: Hábitos, Tabaco, Professores

Bibliografia:

- [1] S. Sandra et al., Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência, *Ciência & Saúde Colectiva* 2007, 12 (5): 1143-1154.
- [2] B. Claudia et al, Análise da exposição tabágica no domicílio e suas repercussões respiratórias em crianças do ensino básico da cidade de Braga, *Rev Port Clin Geral* 2007, 23:673-84.
- [3] Horta, Bernardo Lessa, Tabagismo em gestantes de área urbana da região Sul do Brasil, 1982 e 1993, *Revista Saúde Pública* 1997, 31 (3): 247-53.
- [4] Menezes A et al., Evolução temporal do tabagismo em estudantes de medicina, 1986, 1991, 1996, *Revista Saúde Pública* 2001, 35 (2): 165-69.
- [5] Vitória P, Raposo C, Peixoto F, Pais Clemente M, de Vries H. Prevenção do tabagismo nos jovens: Resultados do Projecto ESFA. *Clin-Saude* 2004, 1 (4): 41-45.
- [6] World Bank Group. *Curbing the Epidemic: Governments and The Economics of Tobacco Control*. In. Washington, DC, 1999.
- [7] Brandão MP. *Atitudes, Conhecimentos e Hábitos Tabágicos dos professores dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico do Porto* Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Faculdade de Medicina do Porto, 2002.

P15. INTERAÇÕES ENTRE PLANTAS E MEDICAMENTOS – COMO PESQUISAR?

Ventura S.; Marques, E.; Barbosa, M.H.; Corte, A.; Lopes, F.

Docentes da Escola Superior de Saúde, do Instituto Politécnico da Guarda, Portugal; Unidade de Investigação para o Interior (UDI/IPG), PEst-OE/EGE/UI4056/2011 – Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

A utilização de plantas medicinais na sociedade moderna é uma realidade inquestionável, principalmente para o alívio de sintomas comuns, por exemplo, em situações de gripes e constipações, nas insónias e em alterações digestivas ou intestinais. As crenças e os rituais alimentares justificam em parte esta utilização mas, em muitos casos, verifica-se o uso simultâneo de plantas medicinais com medicamentos, sem informação e aconselhamento prévio, o que poderá propiciar a ocorrência de interações e de efeitos adversos indesejáveis. Várias obras bibliográficas permitem uma pesquisa direcionada sobre interações entre plantas e medicamentos, mas selecionar a melhor fonte de informação pode ser uma tarefa difícil.

Uma análise nas bases de dados disponíveis através da internet permitiu-nos selecionar as mais importantes para pesquisa de interações entre plantas e medicamentos (drug interactions checker), entre elas a Natural Medicines Comprehensive Database, a Herbmed, a Comprehensive and Interactive Medical Reference, Stockley's Herbal Medicines Interactions e a Natural Standard, apesar de nem todas serem de acesso gratuito e requererem subscrição.

Uma ferramenta utilizada nas nossas pesquisas é a base de dados do portal da drugs.com, da Thomson Reuters Micromedex™, Cerner Multum™ e a Wolters Kluwer Health™, que, pela nossa experiência, se tem revelado de importância extrema na deteção rápida de possíveis interações entre plantas e medicamentos. Este portal gratuito é um dos mais populares na comunidade, de utilização intuitiva, e contém informação online sobre mais de 24 000 medicamentos, incluindo medicamentos não sujeitos a receita médica e produtos naturais, entre outras informações, com atualizações periódicas. Neste portal, as interações estão identificadas com sinalética própria de acordo com a classificação: interações major ou seja são interações clinicamente significativas, em interações moderate ou seja moderadamente significativas e as interações minor, de risco menor, mas de monitorização necessária. Apesar de não ser específica sobre interações de plantas com medicamentos e de apenas existir informação na língua inglesa, este portal permite identificar interações entre plantas selecionadas e os medicamentos mais frequentemente prescritos.

A avaliação das potenciais interações entre plantas e medicamentos é especialmente importante nos idosos, crianças e grávidas, nos doentes crónicos e imunodeprimidos, particularmente nos indivíduos polimedcados. Por isso é fundamental, em termos de saúde pública, identificar e caracterizar as interações entre plantas e medicamentos e os efeitos adversos resultantes da administração simultânea das plantas com medicamentos, de modo a assegurar uma terapêutica eficaz, segura e de qualidade a todos os indivíduos.

Palavras-chave: Plantas medicinais, interações, pesquisa, reações adversas

Bibliografia:

Martins E. The growing use of herbal medicines: issues relating to adverse reactions and challenges in monitoring safety. *Frontiers in Pharmacology*, 2014, volume 4, article 177.

Shaw D, Ladds G, Duez P, Williamson E, Chan K. Pharmacovigilance of herbal medicine. *Journal of Ethnopharmacology*, 2012, 140 513– 518.

Delgoda R, Younger N, Barrett C, Braithwaite J, Davis D. *Complementary Therapies in Medicine*, 2010, 18: 13-20.

Fernandes da Silveira P, Bandeira M A, Dourado P. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 2008, 18(4): 618-626.

Williamson E, Driver S, Baxter K. *Stockley's Herbal Medicines Interactions*, 2009, Pharmaceutical Press.

P16. TRATAMENTO HORMONAL DE INFERTILIDADE NAS MULHERES

Silva, D.; Almeida, C.; Costa, C.; Pires T.

Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC - Coimbra Health School, Farmácia, Portugal

A infertilidade, “ausência de gravidez após dois anos de relações sexuais regulares e sem uso de contraceção”, sendo considerada um problema de saúde pública, é o resultado de uma falência orgânica devida à disfunção dos órgãos reprodutores ou formação dos gâmetas. As hormonas sexuais têm um papel fundamental na regulação destes mecanismos, sendo por isso o principal alvo da terapêutica contra a infertilidade. Em cerca de 10% dos casos, as causas são desconhecidas, sendo eventualmente detectadas no decorrer do tratamento. É a chamada infertilidade idiopática. Estima-se que a infertilidade conjugal atinja, na população mundial, cerca de 10 a 15% dos casais em idade fértil, com uma crescente incidência consoante a idade dos casais

O objetivo deste trabalho é abordar alguns dos possíveis tratamentos da infertilidade nas mulheres.

Para esta revisão realizou-se uma pesquisa, Google Scholar, de artigos em português e Inglês referentes às causas de infertilidade feminina e possíveis tratamentos.

As causas mais comuns de infertilidade nas mulheres são disfunções de ovulação e obstrução das trompas de Falópio. Os principais tratamentos para reverter esta situação poderão ser: a administração de estradiol, que pode variar entre 30-45 µg/ml, 50 µg/ml ou 60 µg/ml, complementado ou não com agonistas da gonadotropina; a utilização de agonistas da dopamina, nomeadamente a bromocriptina (que tem a capacidade de regular os níveis séricos da prolactina); como a administração por via subcutânea de hormona de crescimento ou de gonadotrofinas. Este último, é feito com a administração prolongada de antagonistas de GnRH, podendo ser complementado com a administração de FSH. No entanto também poder-se-á associar metformina e FSH para a indução da ovulação, ou ainda através Corifolitropina alfa. Outro tipo de tratamento são os fármacos insulino-sensibilizantes e indutores da ovulação, em que é utilizada a metformina. Contudo, estudos comprovaram que a taxa de ovulação e a taxa e gravidez foi superior nas mulheres em que se associou metformina e o citrato de clomifeno.

Conclui-se assim que há vários factores que podem ser responsáveis pela incapacidade para conseguir uma gravidez com sucesso. Na mulher os factores hormonais, anatômico, imunológica são os mais comuns. Apesar de todas estas patologias, existem tratamentos, que se baseiam na injeção de hormonas ou através de fármacos, capazes de corrigir estas anomalias para os casais que realmente desejem ter filhos.

Palavras-chave: Infertilidade; tratamento hormonal; gonadotrofinas.

Bibliografia:

Barbieri, R. L. (s.d.). Hormone treatment of endometriosis: the estrogen threshold hypothesis.

Gynecology, D. o. (s.d.). Sex Hormones and Infertility.

Santana, L. F., Ferriani, R. A., Sá, M. F., & Reis, R. M. (22 de Abril de 2008). Tratamento da infertilidade em mulheres com síndrome dos ovários policísticos.

Nunes, L. A. (2012). Síndrome metabólica e infertilidade masculina. Revista Ciências em Saúde , 2.

APOIOS

A Comissão Organizadora do IX Congresso da Associação Portuguesa de Licenciados em Farmácia, XXVII Encontro Nacional de Técnicos de Farmácia Licenciados em Farmácia e IV Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia agradece às seguintes entidades que contribuíram generosamente para este evento através do seu patrocínio ou da sua colaboração:

